



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA  
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA  
MONOGRAFIA**

**A LUDOTERAPIA EM CRIANÇAS COM CÂNCER A LUZ DA  
GESTALT-TERAPIA.**

**Ilhéus, Bahia  
2020**



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA  
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA  
MONOGRAFIA**

**JÉSSICA CABRAL DOS SANTOS**

**A LUDOTERAPIA EM CRIANÇAS COM CÂNCER A LUZ DA  
GESTALT-TERAPIA.**

Monografia (Artigo científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

**Ilhéus, Bahia  
2020**

**A LUDOTERAPIA EM CRIANÇAS COM CÂNCER A LUZ DA  
GESTALT-TERAPIA.**

**JÉSSICA CABRAL DOS SANTOS**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXIMINADORA**

---

Prof. Marcos Aurélio Lordão Rocha – Especialista  
Faculdade de Ilhéus – CESUPI  
(Orientador)

---

Prof. Faculdade de Ilhéus – CESUPI  
(Avaliador I)

---

Prof. Faculdade de Ilhéus – CESUPI  
(Avaliador II)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, amigos e orientador. Vocês foram muito importantes me incentivando e acreditando em meu potencial para realização desse ciclo em minha vida acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me concedido forças e perseverança para alcançar e este momento, a Ele toda honra e glória.

Agradeço aos meus pais pelas orações, palavras de conforto diante do desespero e pelo apoio de sempre, sei o quanto cada um se doou para a realização dessa conquista.

A meu esposo pela paciência diária principalmente nos momentos em que o notebook desligava sozinho ou não queria ligar, sim, a vida é difícil, mas Deus nos ajuda.

Aos amigos Raiane Caroline e Nico Hoisel que sempre se mantiveram presentes e prontos para puxar a orelha quando eu começava a procrastinar, vocês são incríveis. E em especial a Nico, obrigada por todo suporte no tempo em que tivemos e pela ajuda para tornar este trabalho possível.

Ao meu orientador Marcos Aurélio Rocha, obrigado pelo suporte, correções e incentivos, aprendizados que usarei ao longo dos anos como profissional e ser no mundo.

E a todos que contribuíram de forma direta ou indireta na minha formação, o meu muito obrigado!

“Ser empático é ver o mundo através dos olhos do outro, e não ver o nosso mundo refletindo em seus olhos.”  
(Carl Rogers)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
2.1 compreendendo a Ludoterapia.....	12
2.1.2 a ludoterapia a luz da gestalt-terapia.....	14
2.2. Câncer infantil e o processo de hospitalização.....	17
2.2.1. Os impactos psicológicos e emocionais que o câncer pode causar em crianças.....	19
2.3. A ludoterapia como forma de enfrentamento em crianças com câncer na psicoterapia segundo a abordagem de Gestalt-terapia.....	20
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

# A LUDOTERAPIA EM CRIANÇAS COM CÂNCER A LUZ DA GESTALT-TERAPIA.

## LUDOTHERAPY IN CHILDREN WITH CANCER IN THE LIGHT OF GESTALT THERAPY

Jéssica Cabral dos Santos<sup>1</sup>; Marcos Aurélio Lordão Rocha<sup>2</sup>.

1. Discente da Faculdade de Ilhéus (CESUPI), Curso de Psicologia. Ilhéus, BA.
2. Especialista em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica. Docente da Faculdade de Ilhéus (CESUPI), BA.

### RESUMO

A Ludoterapia pode ser utilizada pela Psicologia como uma técnica para trabalhar com crianças com câncer. Este artigo objetiva-se pela necessidade de aumentar o número de trabalhos disponíveis que abordem a temática das crianças que sofrem com o câncer, com sugestões de tratamentos psicológicos alternativos, que possibilitem o bem-estar emocional dessas crianças. Acredita-se que este campo de pesquisa pode trazer contribuições para os processos de formação humana, possibilitando uma expansão de saberes na área da Psicologia, e até mesmo de outras áreas do campo de ciências da saúde, que valorizam o bem-estar e a saúde emocional tanto quanto a física, apontar como o tratamento de crianças com câncer podem acarretar em problemas psicológicos e emocionais, apresentando Gestalt-terapia como uma das possíveis abordagens de intervenção Psicológicas como a ludoterapia que pode ser trabalhada em crianças com câncer e que é possível observar, através das pesquisas, a utilização do brincar ajuda a criança a lidar com as situações através do lúdico, proporcionando a esta uma forma de lidar com seus sentimentos e desafios diários recorrentes a doença.

**Palavras –chaves:** Câncer infantil. Gestalt-terapia. Ludoterapia.

### ABSTRACT

Ludotherapy can be used by Psychology as a technique to work with children with cancer. This article aims at the need to increase the number of works available that address the theme of children who suffer from cancer, with suggestions for alternative psychological treatments that enable the emotional well-being of these children. It is believed that this field of research can bring contributions to the processes of human formation, enabling an expansion of knowledge in the field of Psychology, and even other areas in the field of health sciences, which value well-

being and health emotional as well as physical, pointing out how the treatment of children with cancer can lead to psychological and emotional problems, presenting Gestalt therapy as one of the possible psychological intervention approaches such as play therapy that can be worked on children with cancer and that it is possible to observe , through research, the use of playing helps the child to deal with situations through playfulness, providing them with a way to deal with their feelings and daily challenges recurring to the disease.

**Keywords:** Childhood cancer. Gestalt Therapy. Ludotherapy.

## INTRODUÇÃO

O câncer é uma das principais causas de mortes no Brasil atingindo também as crianças, que mesmo com os avanços tecnológicos para o tratamento ainda é temida e associada à morte (SILVA; et al 2010). Quando o portador de câncer é uma criança, ao ser diagnosticada, a rotina se modifica devido as mudanças da nova realidade acompanhada de vários sentimentos, como medo, tristeza, ansiedade dores físicas e emocionais.

O tratamento contra o câncer demanda tempo e cuidados, como a hospitalização, onde a criança é submetida a alguns procedimentos dolorosos e invasivos levando a efeitos colaterais causados também pela quimioterapia, desencadeando prejuízos emocionais, físicos e sociais que poderão deixar marcas em sua vida (CASTRO et al., 2010).

Nesse sentido, a psicologia atua juntamente com o paciente no enfrentamento da doença. Para as crianças, muitos métodos podem ser utilizados dentro e fora do hospital, para trabalhar esse enfrentamento entre elas está a psicoterapia infantil que irá trabalhar o brincar.

Mattar (2010) discorre sobre o brincar e afirma que esta é também uma forma de autoterapia da criança. É por meio do brincar que a criança externaliza os conflitos e ansiedades que o aflige. A autora ainda afirma que se torna necessário desenvolver potencial criativo de uma criança e a capacidade de externalizar, de forma que a criança consiga se comunicar de forma lúdica e terapeuticamente com o terapeuta.

Para Axline (1972), a ludoterapia torna-se uma forma facilitadora para auxiliar e ajudar a criança que através do brincar ela consiga externalizar o que sente e que a forma de expressão através do mesmo libere seus sentimentos e problemas, descobrindo o seu próprio eu, tornando o lúdico a forma natural de sua expressão.

Na psicoterapia, o brincar vai auxiliar no alívio da tensão causada pela enfermidade, a ludoterapia vai encorajar a criança durante o processo de tratamento a externalizar suas emoções ensinando a crescer. Branco (2001) traz que quando a criança experimenta seus sentimentos, seus sentidos e seu corpo ela recupera sua

postura frente a vida, encorajando criança a ser presente no processo de mudança em sua vida.

Desta forma, a fim de visibilizar a importância das atividades lúdicas como estratégia de enfrentamento em crianças com câncer, este artigo tem como objetivo caracterizar a ludoterapia na vida da criança com câncer sob a luz da Gestalt-terapia.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Compreendendo a Ludoterapia

Em 1972 Axline publicou a obra Ludoterapia, e em 1989 se tornou uma referência para a psicoterapia infantil não diretiva quando publicou Dibs em busca de si mesmo. Axline trabalhou um período com Carl Rogers, fundador da abordagem centrada na pessoa. Porém, adotou um método não diretivo no atendimento a crianças (MATTAR, 2010). Axline compreende a psicoterapia infantil como uma experiência de crescimento em que dá a criança a oportunidade de compreender a si mesma, e a entender que novos caminhos são gerados quando são liberados os sentimentos e tensões que a norteia (MATTAR, 2010).

Segundo Axline (1984) citado por Brito e Paiva (2012, p. 103), ao se retratar sobre a ludoterapia não-diretiva:

[...] a ludoterapia não-diretiva [...] pode ser descrita como uma oportunidade que se oferece à criança de crescer sob melhores condições. Sendo o brincar seu meio natural de auto expressão lhe é dada a oportunidade de, brincando, expandir seus sentimentos acumulados de tensão, frustração, insegurança [...] libertando-se desses sentimentos através do brincar, ela se conscientiza deles, esclarece-os, enfrenta-os, aprende a controlá-los, ou os esquece. Quando ela atinge uma certa estabilidade emocional, percebe que sua capacidade para se realizar como um indivíduo, pensar por si mesma, tomar suas próprias decisões, tornar-se psicologicamente mais madura e, assim sendo, tornar-se pessoa (p. 28).

A ludoterapia pode ser traduzida como terapia pelo brincar, sendo este, um modo diferente do brincar que a criança tem em casa, na escola ou com amigos (HOMEM, 2009). Uma aplicação de procedimentos de psicoterapia ou processo psicoterapêutico, que usa o brincar como estratégia a fim de que possa buscar a essência e tendo como forma de ajudar as crianças e lidar com determinadas situações através do lúdico.

De acordo com Axline (1972) citado por Mattar (2010), a ludoterapia torna-se uma forma facilitadora para auxiliar e ajudar a criança que através do brincar ela consiga externalizar o que sente e que a forma de expressão através do mesmo libere seus sentimentos e problemas, descobrindo o seu próprio eu, tornando o lúdico a forma natural de sua expressão.

O brincar é a forma natural de expressão da criança, do mesmo modo como a linguagem verbal é a dos adultos. Precisamos nos comunicar com a criança através da linguagem lúdica, pelo meio lúdico, assim como nos comunicamos de forma verbal com os adultos. Contudo, Oliveira (2006) observou que tal prática pode se tornar uma dificuldade para alguns psicoterapeutas no atendimento infantil por um motivo: compreender como se dá a linguagem lúdica da criança.

Alcançar a criança em seu mundo lúdico é um dos objetivos mais importantes na psicoterapia infantil e esse processo não tem como objetivo a verbalização da criança em relação as suas vivências, mas sim encontrar informações sobre tais vivências em sua brincadeira.

Mattar (2010) discorre sobre o brincar e afirma que esta é também uma forma de autoterapia da criança. É por meio do brincar que a criança externaliza os conflitos e ansiedades que o aflige. A autora ainda afirma que se torna necessário desenvolver potencial criativo de uma criança e a capacidade de externalizar, de forma que a criança consiga se comunicar de forma lúdica e terapeuticamente com o terapeuta.

É nesse sentido que se destaca o trabalho do terapeuta infantil, considerando que a Psicologia trabalha diferentes aspectos da vida do ser humano, abordando várias áreas que interferem no desenvolvimento do mesmo, trabalhando em aspectos, cognitivos, motores, afetivos e sociais inclusive na infância.

Axline (1972) citado por Mattar (2010) diz:

[...] nunca sabemos o quanto do que oferecemos às crianças é aceito por elas, cada uma com sua própria maneira de ser, se tornando uma parte das experiências com as quais elas aprendem a enfrentar os seus mundos." (Axline,1972, p.78)

É importante também lembrar que, nesse processo da terapia infantil, o psicoterapeuta não se relaciona somente e diretamente com o seu cliente, mas também tenha contato com a família, com a escola e, se necessário, com outros ambientes de convivência da criança e que é preciso tomar cuidado para que seja estabelecida uma relação de confiança entre o terapeuta e seu jovem cliente, mesmo com a noção de que os pais farão parte do processo terapêutico de alguma forma (MATTAR, 2010)

Diante disso o primeiro recurso que o terapeuta tem é ele próprio juntamente com sua disponibilidade para que o processo da terapia infantil ocorra. Estando disponível para a criança compreender o mundo da mesma forma que ela, porém, tendo sua própria integração significativa de vivência oferecendo a criança essa mesma forma integrativa de vivência em seu mundo.

Protásio (1997) traz que, ir-com a criança é simplesmente deixa-la livre para ir. Os recursos utilizados para a criança tornam-se únicos como o seu olhar a sua escuta. Há uma importância de cada elemento utilizado como recurso, não se encontra em si só separado mais na forma como cada uma será utilizada no processo de ressignificação.

### **2.1.2 A ludoterapia a luz da gestalt-terapia**

Gestalt-terapia surgiu na década de 40 entre as modificações da visão de homem iniciadas no movimento humanista, tendo como marco a publicação de “Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality” de Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline. Essa abordagem refere-se ao homem com um olhar holístico, compreendendo como um ser biopsicossocial, que se interage com o meio. Para a Gestalt a pessoa é mais do que a soma do comportamento isolado e sim um todo único e indivisível. (SOUZA, 2018); (CASTENÕN. 2007).

Para Barreto (2017) A Gestalt significa uma integração de partes em oposição à soma das mesmas em um todo, desenvolvendo-se e mostrando a suavidade e a intensidade de suas intervenções, apresentando a subjetividade nas técnicas utilizadas pelos terapeutas, não tendo somente a visão de mundo empírica, mas também prática.

A Gestalt-terapia voltada para o atendimento infantil tem como objetivo auxiliar a criança a desenvolver consciência de si mesma para que consiga expressar seus sentimentos estabelecendo a autoidentidade (MATTAR, 2010). A mesma traz que o método usado por Oaklander (1980) é para fortalecer as funções de contato do próprio eu e dos sentimentos no desenvolvimento da criança,

trabalhando no que torna confortável para a criança antes de ter acesso ao que se torna desconfortável para a mesma (MATTAR, 2010)

Em conformidade com os pressupostos citados, é importante ressaltar que MATTAR (2010 APUD AGUIAR 2005) objetiva a prática da Gestalt terapia com crianças como o desenvolvimento satisfatório oferecendo a criança a oportunidade de se libertar daquilo que prende seus sentimentos e sua relação com o mundo. as técnicas facilitadoras deste processo de desenvolvimento são estabelecidas entre a relação da criança com o psicoterapeuta que vai proporcionar o maior *warreness* a respeito de si mesma e do mundo com a flexibilização das fronteiras de contato.

Aguiar (2014) traz a busca pela construção das teorias que explique o desenvolvimento humano sendo caracterizados por fatores esperadas e não esperadas para determinadas fases da vida. Através disso compreendemos que esta teoria busca explicar as partes de igual modo tendo uma visão mais ampla no desenvolvimento por inteiro. Desta forma, nota-se algumas críticas da Gestalt-terapia em relação a compreensão do desenvolvimento como determinista e reducionista.

A Gestalt-terapia tem uma visão holística e contextual, como traz Aguiar (2014) o que vai ser aplicado nos momentos, do que pode ser esperado dentro de certo fator ou faixa etária sendo exposta em uma sociedade de acordo com a sua cultura, não reduzindo o ser humano a esses elementos e não julgando determinado comportamento dentro de um contexto específico. O grande diferencial da Gestalt-terapia frente às outras abordagens que a mesma não trabalha a separação das duas partes, mais sim relacionando uma com a outra, trazendo a integração do indivíduo, não separando ele de seu meio. Compreendendo-o de modo global, relacionando ao seu desenvolvimento seja ele social cultural e histórico.

Entretanto, Para Barreto (2017) como fator primordial o diálogo como uma ferramenta relacional, e é através deste que pode-se perceber o indivíduo e de que forma vai construir a relação terapêutica. O diálogo é considerado um evento onde o indivíduo se manifesta tendo uma interação no meio social. A Gestalt não é apenas o diálogo ou a experiência, mais sendo também as ações do indivíduo, como Barreto (2017) relata, que o ato motor é um processo de todo, organizado, com movimentos

que podem ser compreendidos como parte do mesmo processo, como o escrever, desenhar e cantar, andar é a Gestalt.

A Gestalt tem como ideal fazer com que a pessoa reflita sobre suas ideias diante das suas próprias conclusões daquilo que está impedindo de alcançar seus objetivos, observando os fatores que impedem de viver o presente, trabalhando com ele o mundo a sua volta buscando manter o não prejulgamento (PIMENTEL; GOTTO; ARAUJO; FARINHA; VALE, 2018)

Barreto (2017) traz algumas relações dos mecanismos básicos na Gestalt-terapia como o ajustamento criativo, Awareness, flexibilidade e subjetividade entre outros. Tornando a Gestalt como produto de uma organização, montando todos esses mecanismos e fazer da pessoa um todo novamente, que leva a Gestalt.

Para Joyce e Sills (2016) o Awareness é uma percepção ou conhecimento não verbal daquilo que está ocorrendo aqui e agora. É uma forma de experiência do ser humano sobre determinada questão, ajudando no crescimento e no processo de ajustamento, estando consciente do que faz, como é feito, e como a mesmo tem possibilidade de ver e escolher, mostrando a capacidade em perceber suas necessidades. É o momento que encontra no que sempre busca a totalidade e a forma com que amplia o processo de ajustamento.

A terapia da Gestalt é voltada para a compreensão e intervenção dos processos e recursos de aconselhamento, sendo que estes estão relacionados aos aspectos centrados no indivíduo e suas peculiaridades. Promovendo intervenções possibilitando o sentido significativo a cada paciente que utiliza o serviço, permitindo expor seus conhecimentos para a melhoria das pessoas que carecem dos serviços encontrados. Barreto (2017) relata que a terapia tem como objetivo desconstruir, junto com o cliente, cada vez mais as expectativas que não fazem mais sentido para o próprio sujeito de modo a reorganizá-lo de forma saudável.

A Gestalt-terapia traz uma abordagem que mostra o caminho, para que o paciente possa partir dele mesmo seguir o caminho escolhido, tendo como bússola as suas próprias escolhas, sendo mais firmes diante das intervenções. O psicólogo deve ao conduzir a terapia proporcionar ao cliente o sentimento de estar acolhido desenvolvendo uma boa relação entre o psicoterapeuta e o paciente, para que pudesse demonstrar seus medos e sentimentos (Barreto 2017). Nesse sentido, devem-se auxiliar os pacientes para que eles possam se sentir à vontade e seguros

ao falar de suas angustias e sentimentos, ajudando no desenvolvimento do indivíduo, para que o mesmo consiga e aprenda a lidar com situações adversas em sua subjetividade.

Silva e Boaventura (2011) ao relatar sobre a subjetividade mostra as questões, que delimitam as escolhas e caminhos a serem seguidos. Barreto (2017) traz que a subjetividade do indivíduo é através do mesmo que se entende o mundo em seu interior e de como ele se relaciona com o meio, uma construção onde mostra que o protagonista e o coadjuvante são o mesmo.

Conforme Barreto (2017) considera que a abordagem da Gestalt-terapia tem por seus fenômenos psicológico caracterizando a realidade ambiental do indivíduo, seguindo os princípios de racionalidade de onde está inserido, sabendo que cada um tem uma forma única de entender o mundo que se dá como a percepção e experiência, mostrando a unicidade de cada ser humano e que são próprios de cada indivíduo independente do fator social, é necessário entender que o indivíduo possui sua totalidade como um ser integral.

## **2.2. Câncer infantil e o processo de hospitalização**

O câncer é uma doença que se caracteriza pela perda de controle das células anormais, e pela capacidade de se proliferar e invadir outras estruturas no corpo, considerando-se como uma das principais causas de mortes no Brasil (CABRAL; CHRISTOFFEL; SILVA, 2010). Levando em consideração no que diz respeito a formação da patologia, o Instituto Nacional do Câncer (2018) traz como acontece o processo de formação do câncer:

O processo de formação do câncer é chamado de carcinogênese ou oncogênese e, em geral, acontece lentamente, podendo levar vários anos para que uma célula cancerosa se prolifere e dê origem a um tumor visível. Os efeitos cumulativos de diferentes agentes cancerígenos ou carcinógenos são os responsáveis pelo início, promoção, progressão e inibição do tumor. A carcinogênese é determinada pela exposição a esses agentes, em uma dada frequência e período de tempo, e pela interação entre eles. Devem ser

consideradas, no entanto, as características individuais, que facilitam ou dificultam a instalação do dano celular. (INCA, 2018)

Aos tipos de câncer infantil, podemos citar as mais recorrentes como a leucemia, os tumores do sistema nervoso central e os linfomas. A vista disso, com o diagnóstico do câncer Pino e Pereira (2017) traz que a criança precisa se adaptar a uma nova rotina que vem com as mudanças ligada a doença, incluindo os sentimentos infrequentes como o medo, ansiedade, depressão, tristeza, dores físicas e emocionais devido à ausência de ir a locais de costume, como a escola, separação da família e amigos passando por um processo de tratamento.

A criança passa por diversos procedimentos para o tratamento contra o câncer, submetendo-se a realização de internação e exames como a quimioterapia promovendo uma serie de transformações na vida daqueles que possui, trazendo alterações em seu corpo. Os efeitos colaterais surgem conforme o nível do tratamento e dosagem usada dos medicamentos, tornando-se frequente a perda de apetite, perda de peso, hematomas, vômitos, diarreia, náuseas, sangramentos e ferimentos nasal e bucal, outro efeito colateral é a neutropenia que aumenta os riscos de mortalidade por processos infecciosos (CICOGNA; NASCIMENTO; LIMA, 2010)

O processo de hospitalização na infância pode desencadear sentimentos diversos que podem provoca alterações no desenvolvimento psicossocial da criança comprometendo sua interação com as pessoas o que limita muitas vezes algumas ações como o brincar (HOSTERT; ENUMO; LOS 2014) A relação e a interação da doença com o processo de hospitalização é importante pois criar estratégias que podem promover um ambiente agradável que auxilie e seja ponte para o enfrentamento das dificuldades apresentadas na hospitalização ( PINO e PEREIRA, 2017).

As atividades lúdicas são utilizadas como forma de enfrentamento diante da hospitalização como ferramenta de distração resgatando a condição do “ser criança”(DIAS et al., 2013), atuando como recurso para desenvolver e estimular a criatividade para que ela se torne pertencente a si mesma através da ação do brincar, pois este, assume um papel fundamental na vida da criança além de desenvolver algumas habilidades o brincar permite que ela consiga expressar os

sentimentos negativos trazidos pela doença e auxilia na melhor adesão ao tratamento (SILVA; CORRÊA, 2010)

### **2.2.1. Os impactos psicológicos e emocionais que o câncer pode causar em crianças**

O diagnóstico e tratamento do câncer tem impactos físicos, psicológicos e emocionais que podem causar sequelas e se tornam marcantes na vida da criança, limitando suas atividades e hábitos devido o tratamento da doença. Cardoso (2007) salienta que, durante o tratamento a aparência e a forma como a criança se vê, ou a forma como ela imagina que os outros a percebem e a importância que ela dá a isso, trazem impactos pela forma que ela vai lidar com as mudanças aparentes.

O câncer pode causar instabilidade emocional na criança ocasionada pela doença, além de afetar seu comportamento dentro do contexto familiar a criança convive com diversos sentimentos frente ao tratamento e enfermidade. (TEIXEIRA, PEREIRA 2011, p.514)

Cicogna et al. (2010, p.4) relata que a tristeza, a ansiedade, o medo, a raiva, a solidão, depressão e o isolamento são sentimentos e comportamentos consequentes da doença. A perda de uma infância normal, na presença de amigos e familiares, as idas a escola ou igreja, a antiga rotina se modifica ao decorrer do tratamento.

A sequela psicológica mais marcante é a persistência, muito tempo após o tratamento, da angústia desencadeada pelo aparecimento do risco de morte. É importante considerar que o medo da morte em crianças menores parece estar ligado ao abandono e à dor, enquanto que, em crianças mais velhas, a compreensão do caráter irreversível da morte leva-as a perceber a gravidade de sua condição. (RAIMBAULT, 1984 apud VALLE, 1994, p. 24).

Conforme Silva e Arrelias (2010), diante das mudanças consequentes da doença, muitas vezes, a criança não consegue se expressar como antes, pois não

aprendeu a lidar com as emoções recorrentes da doença, não conseguindo dar importância suficiente para si mesma e suas necessidades. A criança passa a ter respostas emocionais em específico o medo e a raiva, durante o tratamento é importante que a visão do paciente seja aceita, e se torne conhecedor de suas necessidades e significado. (CICOGNA, et al 2010)

### **2.3. A ludoterapia como forma de enfrentamento em crianças com câncer na psicoterapia segundo a abordagem de Gestalt-terapia**

Para auxiliar as crianças acometidas com o câncer, diversos métodos podem ser utilizados dentro e fora do hospital, como a psicoterapia infantil, com o uso do lúdico a criança irá aprender a lidar com seus sentimentos e os desafios diários recorrente a doença.

Segundo Landreth (1993) citado por Branco (2001):

O processo da ludoterapia facilita para que a criança possa lidar com suas questões emocionais, libertando sua energia para absorver o que está sendo ensinado para ela no dia-a-dia de sua vida. Lidar com suas questões emocionais significa melhoras efetivas em casa e na escola também. (Landreth,1993,21)

considerando o que Silva e Santos (2010) relataram, ao considerar a idade das crianças e o mundo delas, no caso específico de câncer infantil a doença torna-se limitante que, especialmente no uso do lúdico, elas passam essa faixa etária sem vivenciá-la em sua plenitude, e dentro dessa perspectiva, uma das propostas de método é a ludoterapia.

A ludoterapia pode ser traduzida como terapia pelo brincar, sendo este, um modo diferente de brincar que a criança tem em casa, na escola ou com amigos (HOMEM, 2009). Uma aplicação de procedimentos de psicoterapia ou processo psicoterapêutico, que vai usar o brincar como estratégia a fim de que possa buscar a essência que tem como foco ajudar a criança e lidar com as situações através do lúdico.

Conforme Paixão, Damasceno e Silva (2016), o lúdico torna-se um recurso necessário no processo de hospitalização da criança com câncer sob tratamento prolongado, exemplo disso às músicas, teatros com fantoche e desenhos são desenvolvidas nas brinquedotecas instaladas nos hospitais infantis com o intuito de estimular o brincar proporcionando um bem-estar à criança, adotando medidas que auxiliem na redução do padecimento.

É importante que na brinquedoteca tenha diversos brinquedos, e materiais para distrair a criança mesmo estando em um ambiente hospitalar, utilizando brinquedos que possam ser levados até elas caso possuam alguma debilidade que as impeçam de ir até esse espaço, sejam eles de montagem, de colorir, desenhar, boneca, bolas, tabuleiros, brinquedos artesanais e educativos, podendo até ser feito por eles. (PAIXÃO, DAMASCENO E SILVA, 2016)

Entretanto, Paixão, Damasceno e Silva (2016), traz que a realização das atividades lúdicas em crianças com câncer vai auxiliar a aliviar os momentos difíceis oferecendo a liberdade em exteriorizar os sentimentos e fortalecer a relação do paciente com sua família, Induzido a um melhor convívio com o ambiente podendo até diminuir o processo de hospitalização.

Com o auxílio da ludoterapia, a criança passa a demonstrar o que está sentindo e cria laços da relação de si com o ambiente, compreende a realidade de alguns conceitos errados, o que contribui para a minimização do medo, fazendo com que as experiências vividas torne-se menos dolorosa e seja uma fonte de aprendizado, o que torna o lúdico importante para o desenvolvimento da criança. (PAIXÃO, et al., 2016)

A psicoterapia infantil é dada como forma de enfrentamento, as atividades lúdicas tornam-se um fator primordial para que a criança consiga passar por esta fase, a relação terapêutica tem como objetivo auxiliar no crescimento da pessoa. Macêdo e Rocha (2015), relata que a psicoterapia acontece mediante a uma relação interpessoal que é a relação terapêutica. Esse processo acontece quando ocorre a relação da pessoa com ela mesma, relação essa que difere de qualquer outra, pois o indivíduo desenvolve um olhar diferenciado. Diante da situação exposta e vivida por ele mesmo.

De acordo com Rogers (1997) a psicoterapia é uma experiência única e dinâmica que difere de um indivíduo para o outro (apud, Macêdo e Rocha, 2015). É importante observar se a pessoa consegue notar que o que está acontecendo é consigo mesmo, o ser-ai, sendo importante o terapeuta mostrar ao indivíduo que ele é o foco e não o problema, dando a possibilidade de sentir-se mais seguro com as decisões a serem tomadas, atribuindo confiança e tornando-se autêntico diante de suas decisões. Segundo Aguiar (2005, apud MATTAR, 2010, p.76-87) cita que:

[...] reencontrar a vivacidade e o contato pleno com o mundo através da desobstrução de seus sentidos, do reconhecimento do seu corpo, da identificação, aceitação e expressão de seus sentimentos suprimidos, da possibilidade de realizar escolhas e verbalizar suas necessidades, bem como de encontrar formas para satisfazê-las, além de aceitar quem ela é na sua singularidade (Aguiar, 2005, p. 186).

Na psicoterapia, o brincar vai auxiliar no alívio da tensão causada pela enfermidade, a ludoterapia vai encorajar a criança durante o processo de tratamento a externalizar suas emoções ensinando a crescer. Branco (2001) traz que quando a criança experimenta seus sentimentos, seus sentidos e seu corpo ela recupera sua postura frente a vida, encorajando a criança a ser presente no processo de mudança em sua vida.

Na psicoterapia infantil, o brincar torna-se o modo indireto em que a criança se encontra, sendo ponte para ajudá-la no autorreconhecimento. Mattar (2010) ainda traz que a tarefa do terapeuta será, desse modo, a de ajudar as crianças a sentirem-se fortes dentro de si próprias, ajudá-las a ver o mundo a sua volta tal como ele realmente é, escolhendo sua forma de viver no mundo, no entanto, Azevedo (2011) acentua que quando a criança compreende seu processo de hospitalização, vai favorecer no enfrentamento das situações expostas.

Danon (2003, p.47 apud Macêdo e Rocha 2015) relata que crescer quer dizer enfrentar a vida com um espírito de grande abertura e disponibilidade para reconhecer aspectos sempre novos de si mesmo e dos outros. O crescer é um processo que não muda, podendo haver interferências, porém, o que mais se espera é a evolução pois não se relaciona somente a uma pessoa, e sim a outras pessoas também, mas principalmente ao próprio indivíduo como narrador da própria história.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho objetivou apresentar a ludoterapia como forma de assistir psicologicamente crianças acometidas pelo câncer à luz da Gestalt-terapia, considerando - a como uma ponte para que essas crianças aprendam a lidar com situações provocadas pela doença.

Compreendeu-se a ludoterapia um procedimento do processo psicoterapêutico utilizada na Gestalt-terapia na intervenção psicológica em crianças com câncer, em que foi possível observar, através das pesquisas, que a utilização do brincar ajuda a criança a lidar com as situações através do lúdico, proporcionando a esta uma forma de lidar com seus sentimentos e desafios diários recorrentes a doença.

Essa necessidade se dá ao considerar que, durante o tratamento, a criança passa por diversos procedimentos, sendo submetida a realização de internações, exames e tratamentos como a quimioterapia, que provoca até mesmo alterações em seu corpo. E, para além dessa adaptação, a doença acarreta sérias questões emocionais, como a insegurança, ansiedade e medo da morte.

A ludoterapia mostrou-se nas pesquisas uma forma eficaz de auxiliar a criança a passar por esses processos de adaptação e enfrentamento, oferecendo a esta a oportunidade de expressão e canalização dos seus sentimentos através de uma linguagem que ela já conhece: o brincar.

Muitos estudos podem ser feitos relacionados ao que oferta a ludoterapia. O presente trabalho serviu como uma introdução ao assunto, portanto, deixa-se aqui a proposta pra possíveis aprofundamentos no futuro.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **Gestalt-Terapia com crianças: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo, Summus, 2014.

AZEVEDO, Adriano Valério dos Santos. **O Brincar da criança com câncer no hospital: análise da produção científica**. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n4/15.pdf>. Acesso em: 20 Mar. 2020

BARRETO, E. S, C. **Um estudo sobre a Gestalt-Terapia na Contemporaneidade**.

2017 disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0411.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2020

BRANCO, T.M.C; AMATUZZI M.M. **Histórias infantis na ludoterapia centrada na criança**. Disponível em:

[http://www.gruposerbh.com.br/textos/dissertacoes\\_mestrado/dissertacao05.pdf](http://www.gruposerbh.com.br/textos/dissertacoes_mestrado/dissertacao05.pdf). Acesso em: 22 Mar. 2020

BRITO, Rosa Angela Cortez; PAIVA, Vilma Maria Barreto. **Psicoterapia de Rogers e Ludoterapia de Axline: Convergências e Divergências**. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912012000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000100009). Acesso em: 10 mar. 2020

CABRAL, I.E.; CHRISTOFFEL, M.M.; SILVA, L.F. As (im)possibilidades de brincar para o escolar com câncer em tratamento ambulatorial. **Acta Paul Enferm.**, v.23, n.3, p. 334-40, 2010.

CARDOSO, Flávia Tanes. Câncer Infantil: Aspectos Emocionais e Atuação do psicólogo. **Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar** Rio de Janeiro, v.0, n.1, jun. 2007.

CASTAÑON, G. A. **Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico**. Disponível em:

<<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/castanon01.pdf>>. Acesso em: 20 Dez. 2019.

CICOGNA, E.C.; NASCIMENTO, L.C.; LIMA, R.A.G. Crianças e adolescentes com câncer: experiências com a quimioterapia. **Rev.Latino-Am. Enfermagem**.

Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n5/pt\\_05.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n5/pt_05.pdf). Acesso em: 17 Abr. 2020

DIAS, Juciélma de Jesus; SILVA, Ana Paula da Conceição; FREIRE, Roseane Lino da S.; ANDRADE, Aglaé da Silva Araújo. A Experiência de Crianças com Câncer no Processo de Hospitalização e no Brincar. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 17, n. 3, p. 608-613, jul/set., 2013.

FRAZÃO, L. M. Um pouco da história, um pouco dos bastidores. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. 1. Ed. São Paulo: Summus, 2013.

HOMEM, Catarina. A ludoterapia e a importância do brincar: Reflexões de uma educadora de infância. **Cadernos de educação de infância**. nº88. Dez/09

HOSTERT, Paula Coimbra da Costa Pereira; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; LOSS, Alessandra Brunoro Motta. Brincar e problemas de comportamento de crianças com câncer de classes hospitalares. **Revista Psicologia: teoria e prática**: São Paulo, v.16, n.1, p. 127-140, jan-abr., 2014.

INCA. Instituto Nacional do Câncer. **ABC do câncer: Abordagens Básicas para o controle do câncer**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/abc-do-cancer-abordagens-basicas-para-o-controle-do-cancer>. Acesso em: 24 Abril 2020

MACÊDO, I. B.; ROCHA, M. A. L. **Relação Terapêutica: Chave para o crescimento**. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0855.pdf>>. Acesso em: 22 Dez. 2019.

MATTAR, C.M. Três perspectivas em psicoterapia infantil: Existencial Não diretiva e Gestalt-terapia. **Contextos Clínicos**, v.3, n.2, p. 76-87, Jul/Dez 2010.

OLIVEIRA, Evelyn Denisse Felix de. **Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-Terapia**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v11n20/v11n20a07.pdf>. Acesso em: 22 Mar. 2020

PAIXÃO, A. B; DAMASCENO, T. A. S; SILVA, J. C. **Importância das Atividades Lúdicas na Terapia Oncológica Infantil**. Disponível em: <http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2016v2/209-216.pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2020

PINO, Camila Del; PEREIRA, Vinícius Tonollier. Ludoterapia durante o tratamento contra o câncer infantil: Revisão integrativa de literatura. **Revista Psicologia em Foco**, v.9, n.14, p. 26-44, Dez., 2017.

PIMENTEL, Adelma et al. Dossiê Gestalt-Terapia. **Revista do NUFEN**, v. 10, n. 2, p. 1-3, 2018.

PROTASIO, Miriam Moreira. Técnicas da Gestalt-terapia aplicadas à Ludoterapia. **IFEN-Fenômeno Psi-Ludoterapia**, Rio de Janeiro, ano 1, n.0, p.12-20, jun. 1997.

SILLS, C.; JOYCE, P. **Técnicas em GESTALT: Aconselhamento e Psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SILVA, Carolina; ARRELIAS, Livia. Ludoterapia Gestálica: Dois Casos Clínicos. **Revista do NUFEN**, v.2, n.1, p.51-64, Jun, 2010.

SILVA, Débora Farias; CORRÊA, Ione. Reflexão sobre as vantagens, desvantagens e dificuldades do brincar no ambiente hospitalar. **Revista Mineira de Enfermagem.**, v.14, n.1, p.37-42, Jan/Mar., 2010.

SOUZA, R. L.; TILVITZ, A. I.; SILVA, I.; MACEDO, M. L. W. S. **SELF EM GESTALT-TERAPIA**. Anais do Salão de Ensino e de Extensão,. p. 164, 2018.

TEIXEIRA, Ricardo João; PEREIRA, Maria da Graça. Impacto do Câncer Parental no Desenvolvimento Psicológico Dos Filhos: Uma Revisão da Literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto alegre, v.24, n.3, p. 53-522, 2011.

VALLE, Elizabeth Ranier Martins do. Algumas Consequências psicossociais em crianças curadas de câncer- Visão dos pais. **Jornal de pediatria**. v.70, n.1, p.21-27, 1994.